

O TIRO CIVIL

Orgão dos Atiradores Civis e Caçadores Portuguezes

PROPRIETARIOS: — ANSELMO DE SOUZA E PALERMO DE FARIA

Publicações

Anuncios, cada linha, typo comm tm.	20 réis
Comm inçados	60 »
Reclamos	100 »
Artigos	200 »

Quinta feira 11 de março de 1897

Assignaturas

Lisboa, série de 12 numeros	300 réis
Provincias, séries de 24 numeros	600 »
Numero avulso	50 »
Países da união postal, 24 numeros	1.000 »

RESUMO

Tiro civil, por PALERMO DE FARIA. — Carta, por ANTONIO JOSÉ DA SILVEIRA. — O cão doente, por NEMROD. — Concurso de educação physica. — Carreira de tiro. — O defezo, por ANSELMO DE SOUZA. — Concursos de tiro.

TIRO CIVIL

COM a devida vénia transcrevemos os artigos que vão seguir-se dos nossos distinctos collegas *Diario de Noticias* e *Diario Popular*. Ambos se referem ao tiro civil, ou antes á frequencia da carreira de tiro, assumpto que altamente nos interessa e de que largamente nos temos occupado e que é, incontestavelmente o mais importante, pelo menos, n'este momento.

O *Diario de Noticias*, de 8 de março de 1897, publica:

«Depois das folias carnavalescas, foi hontem o primeiro dia em que funcionou a carreira da guarnição de Lisboa, em Pedrouços, e, parecendo que a concorrencia dos atiradores habituaes deveria ser grande, attendendo tambem ao estarmos no defezo, foi realmente insignificantissima.

Apenas se dispararam 370 tiros, além dos de ensaio!

Da associação dos atiradores civis portuguezes, estavam apenas 6 atiradores; da associação «Estrella», 6; do grupo «Patria», 3; do grupo «Suisso», 2; do grupo do Atheneu Commercial, 1; e mais 3 atiradores, não pertencentes a nenhuma das associações nem grupos citados.

E' realmente para censurar o desanimo e a falta de atiradores!

O tiro civil é certamente uma das instituições mais patrioticas. Nasceu entre nós, apezos o *ultimatum* inglez, e achase por assim dizer esquecido por todos os atiradores.

Ora que melhor prova de patriotismo pôde dar um povo, como culto á patria, do que compenetrar-se da necessidade de se instruir n'este genero de exercicio?

Embora seja por suggestão, sigamos os exemplos da Suissa, que faz constituir n'elle o seu principal meio de defeza, imitemos a Belgica, a França, a Alemanha, a Austria e a Italia, já que infelizmente mais não podemos produzir.

As associações e grupos de atiradores, de que tanto se esperava, estão realmente desanimados.

No anno passado, em igual dia do mez, isto é no 1.º domingo de março, deram-se 1:220 tiros e este anno apenas 370, ou seja quasi a quarta parte!

A Associação dos atiradores civis portuguezes, que começou com grande entusiasmo, e que em igual dia do anno passado levou á carreira 15 atiradores levou hontem apenas 6.

Da Associação Estrella, muito peor, pois o anno passado levou á carreira n'es-

te dia, 13 atiradores, que se apresentaram em grupos, e hontem apenas appareceram dois.

O Grupo Patria, apezar de pequeno, é ainda o unico que tem esmorecido menos.

O Grupo Suisso rasoavel; o do Atheneu Commercial apenas um, e o Grupo Lisbonense, esse então morreu de todo.

Mas o concurso está já proximo, a caça terminou, e talvez então a carreira reanime um pouco, porque a render os 98150 réis que hontem rendeu, então é melhor fechal-a.

Depois não se queixem os atiradores, porque a culpa é sua e de mais ninguem, pois pessoal mais habilitado e instruido, e director tão amavel e delicado como o de Pedrouços, não haverá em muitas carreiras.»

O *Diario Popular*, de 9 de março de 1897, escreve:

«Fraquissima a concorrencia ante-hontem á carreira de tiro da guarnição em Pedrouços.

Descançámos uns domingos em clamar contra o abandono a que os atiradores teem lançado a carreira, porque vimos que as nossas palavras foram ouvidas e que durante alguns domingos os atiradores ali affluam em maior numero.

A affluencia entretanto, foi de momento e hoje, voltamos á antiga.

E com muito maior razão a concorrencia devia ser superior, pois estamos a poucos mezes do concurso official, e ninguem, quasi nenhum atirador se exercita para elle.

Antigamente, já n'esta época se viam inumeros atiradores na carreira, que se exercitavam com entusiasmo, preparando-se para o concurso official.

N'essa época, mediam-se tambem os atiradores em muitas «poules», mas hoje nada d'isso ha e as associações de tiro conservam-se sem dar providencias, dando até as suas direcções o exemplo, pois são esses cavalheiros, os que compõem as direcções das associações de tiro existentes na capital os primeiros a não frequentarem a carreira, concorrendo por consequencia, para o abandono a que ella foi votada.

E as associações devem dar razão ao que dizemos, pois se tivessem o verdadeiro amor pelo — tiro nacional — destacavam d'entre os seus muitos socios, aos domingos, atiradores, podendo esses grupos irem sempre á carreira, ou revesarem-se, indo grupo de atiradores differentes em cada domingo. Emfim, estudar o assumpto porque essas associações são — de atiradores — e providenciar por qualquer fórma evitar o que actualmente se passa.

A concorrencia ante-hontem foi pequena. Lá vimos os pouco atiradores que costumamos ver todos os domingos. Sempre os mesmos!

Entre outros lembra-nos os srs. Thomaz Coelho, Gil Portocarrero, Freitas, Azevedo e capitão Guedes, do grupo Patria, Consiglieri Pedroso, Carvella, Manuel Gomes e Saraiva.

Matricularam-se dois atiradores. Foram lá hontem, mas iriamos quasi jurar que nunca mais lá os veremos.

Dispararam-se durante a tarde... 370 tiros. Os atiradores que reparem para isto, e que chamem a atenção das associações a que pertencem, já que ellas precisam de alguém que as desperte do lethargo em que estão ha tanto tempo.»

Estamos plenamente d'accordo com os considerandos do nosso illustrado collega *Diario de Noticias*: «o tiro civil é uma das instituições mais patrioticas», é preciso conserval-o, desenvolvel-o, dar-lhe enfim a animação que lhe permita transformal-o n'uma festa nacional.

Eis, porem, a difficuldade. Como levar a todas as camadas sociaes o convencimento que precisamos ser atiradores para conservar a independencia e autonomia da patria? Como resolver todos os que estão filiados nas associações e nos grupos a frequentar a carreira de tiro?

E quaes são as causas d'este desanimo que parece ameaçar de morte a frequencia da carreira?

A primeira das interrogações tem uma resposta facil.

Os nossos collegas da imprensa periodica cuja larga publicidade leva a toda a parte as suas noticias e as suas opiniões, podem abrir nas suas columnas uma secção especial em que se tratem as questões de tiro, mostrando as suas vantagens e a sua conveniencia. A pouco e pouco estas idéas ir-se-iam incutindo no animo de todos e o numero de atiradores cresceria inevitavelmente. E se esta propaganda insistente e continua, fosse auxiliada pelos poderes publicos, abrindo carreiras de tiro nos principaes centros de população taes como Porto, Coimbra, Braga, etc. isto é, ao menos em todas as capitães de districto, acreditamos que em dois ou tres annos haveria n'esses centros excellentes e numerosos grupos de atiradores, que por sua vez seriam centros de propaganda em favor de tão util quanto patriotico exercicio.

Mas quererão os nossos collegas da imprensa ajudar-nos n'esta propaganda? Estará o governo disposto a secundar os esforços dos particulares?

Não podemos responder e limitamos-nos a dizer que devem fazel-o em favor da causa da patria em favor da nossa independencia, em favor do brio e da honra nacional.

Quanto ás duas ultimas interrogações nada se nos apresenta que nos pareça de molde a resolver satisfactoriamente o problema.

N'esta parte o nosso illustrado collega do *Diario Popular* insinua que os culpados são as direcções, o que é facil de dizer mas bem difficil de provar e esquece alguns nomes misturando no *Grupo Patria* atiradores que são da Associação dos Atiradores Civis Portuguezes, e da Associação dos Atiradores Civis Estrella, mostrando pouco conhecimento do assumpto de que se occupa, e uma certa má vontade para as direcções das Associações e dos Grupos que, na verdade, não podem com justiça ser accusadas de negligencia.

Nós estamos n'este assumpto completa e absolutamente desassombrados. Sustentamos na imprensa ha perto de tres annos este pequeno semanario, defendendo o tiro nacional e diligencendo por todos os modos incutir no animo de todos os que tem a generosidade de nos ler, a idéa de que pelo tiro civil podemos regenerar-nos e rehabilitar-nos. Sabemos que nos tem accusado de não ir á carreira, mas não pertencemos aos grupos de atiradores, ninguem o ignora mas os serviços prestados ao tiro nacional não são unicamente d'aquelles que frequentam a carreira; acreditamos até que a propaganda na imprensa fará mais n'uma semana do que as carreiras n'um anno, por ser por emquanto apenas uma, a de Pedrouços, a que funciona.

E dizemos tudo isto, porque sabemos bem, até de mais, o que por ahí vae de intriga, de má lingua e sobretudo de falta de criterio e de senso raro, pois infelizmente já não é commum, e como se pretendem desvirtuar as melhores intenções.

Que o *Diario de Noticias* e o *Diario Popular* e todos os periodicos do paiz se occupassem das questões do tiro civil seria excellente, mas no que escrevessem deveriam tratar de mostrar as vantagens dos exercicios de tiro, como poderiamos transformar-nos n'um povo de homens valerosos e fortes e como os paizes mais adeantados do que nós tratam de desenvolver o tiro nacional. Mas discutir apenas o que fazem as associações e as direcções respectivas, a quem se deve á força de sacrificios o haver-se sustentado e avivado durante tres annos o fogo sagrado, parece-nos excellente para salvar o periodico d'uma falta de original, mas absolutamente inutil para o assumpto em questão.

E quando discutirem façam como nós, assignem os artigos, pois temos e sempre tivemos horror ao anonymo da redacção, que se transforma no sr. Fulano de Tal se o artigo foi bem recebido e é sempre do collega quando ao publico pareceu disparatada a doutrina n'elle contida.

Nem comprehendemos que se discuta n'outros termos; cada um diz o que sabe, como pode, mas dil-o franca e lealmente assumindo por completo a responsabilidade dos considerando feitos.

Unamos-nos todos n'uma só intenção, a de levantar a Patria d'esta indifferença e d'este marasmo em que por tão largos annos tem vivido; façamos todos um esforço em favor das causas generosas que bem podem levantar o nosso prestigio e não tratemos de inimisar-nos, de dizer mal uns dos outros, porque com tal processo só se conseguirá destruir o pouco que se tem feito.

N'este caminho podem contar com a nossa insignificante valia; traçámos o nosso programma, temol-o cumprido á risca e não nos affataremos d'elle por modo algum, embora podessemos tirar resultados *mais positivos e mais praticos* com outra orientação.

Se querem acompanhar-nos n'estes termos, muito bem; para a discussão esteril e inutil que por ahí temos visto começada não nos chamem que não a aceitamos nem a queremos.

PALERMO DE FARIA.

CARTA

Amigo Anselmo de Souza.

PELO que tenho lido ultimamente na imprensa da capital, vejo que a tua patriótica idéa de generalisar entre nós o tiro civil vae perdendo um pouco do primitivo entusiasmo e que começam a cançar-se os mais dedicados, que durante tres annos foram sempre á carreira de Pedrouços.

Ha necessariamente n'este abandono alguma cousa que ainda não foi explicada, mas que não é com certeza nenhuma das que até hoje se tem dito e discutido. Eu tenho a minha opinião sobre o assumpto e se queres publica-a no teu semanario, de que sou assignante desde o principio e que sempre tenho lido com prazer, ella ahí vae.

E' convicção d'este teu velho amigo que, a mudança da polvora negra para a polvora sem fumo, foi a causa principal senão a unica de ter fraquejado a concurrencia á carreira. Havia já um bom grupo de atiradores que todos os domingos alli se apresentavam e faziam uns tiros muito rasoaveis com médias de 60, 70 e mais por cento.

Appareceu a polvora sem fumo, cartuchame de origem belga, segundo em tempo me informaram e as balas começaram a fugir dos alvos, sem que os melhores atiradores podessem atinar com o motivo das *flautas* que se succediam.

Reclamaram e a resposta que lhe deram não foi das mais animadoras; não havia outras munições, era forçoso dar cabo d'aquellas, emquanto as houvesse e só depois seria fornecido á carreira cartuchame novo com a polvora Burroto.

E' claro que os atiradores se desgostaram e pensaram, e segundo o meu modo de ver com uma certa razão, que era melhor deixar acabar os taes cartuchos que não prestavam para nada e depois voltar a frequentarem a carreira. D'este modo não queimavam polvora inutilmente, ou antes não estragavam dinheiro, pois sempre custa alguns tostões o ser frequentador da carreira.

Não será esta a causa do abandono que se tem notado?

Parece-me que sim e deveriam n'este sentido fazer alguma cousa, se querem que o tiro civil saia de vez d'estes embaraços e d'este estacionamento que muito e muito o prejudica.

Estamos no mez de março e está proximo o concurso official, dizem; é uma verdade, mas esse concurso vae fazer-se com a polvora actual tão incerta e tão irregular, ou nas vespas do concurso muda-se de polvora, como estava para se fazer o anno passado, se a tempo não lhe accodem com o pedido de se dar polvora negra para o concurso, pedido que com toda a razão foi attendido pelo sr. ministro da guerra, conselheiro Moraes Sarmento e que foi feito pelo teu collega e particular amigo sr. Palermo de Faria, em nome da Associação dos Atiradores Civis Portuguezes, a cuja direcção preside?

Com franqueza te digo, meu-caro Anselmo, que não sei explicar esta maneira official de tratar as questões do tiro civil;

ou é ou não é util que todos saibam manejar a arma de guerra; se é, como pensam as nações mais adeantadas do que nós, ainda mesmo as que tem exercitos enormissimos, que se lhe dispense todo o auxilio e toda a protecção, que se abram carreiras, que se dêem premios em dinheiro, como muito bem disseram já por mais d'uma vez no *Tiro Civil*, que se facilite tanto quanto possivel a frequencia das carreiras; se não é, revogue-se a lei que permittiu aos civis a entrada nas carreiras militares e acabe-se por uma vez com uma pouca de protecção que vae parecendo ridicula.

Com uma pennada se destruíram os batalhões municipaes, com outra pennada se dá cabo do tiro civil, não ha nada mais facil.

Mas, quando fôr necessario organizar batalhões para defender a Africa das invasões dos indigenas e dos europeus, veremos quanto foi prejudicial para nós não ter querido auxiliar o elemento civil nos exercicios de tiro ao alvo, e quanto será oneroso para nós em dinheiro e em vidas o mandar para o ultramar soldados inexperientes, não concedendo a arma de guerra com que hão de atacar os pretos e defender-se dos brancos.

O que faz a França é muito citado entre nós para diferentes cousas e a proposito d'este ou d'aquelle facto; mas, caso notavel e singular, citam-se os exemplos e não se aproveitam os que são bons, apenas se imitam alguns máos.

A propaganda em favor do tiro nacional que se tem feito e está fazendo em toda a França, a organização de campionatos, de concursos de tiro, de gymnastica, de esgrima, de tudo emfim quanto possa desenvolver as forças phisicas da mocidade, é lição que deviamos tomar.

Mas isso não. Da França copiamos os figurinos, as modas, os disparates que tambem por lá os ha e muitos e nada mais.

E' por isto que temos retrogradado e continuamos a retrogradar, se um sopro benéfico não passar por este paiz para lhe dar o juizo que lhe falta e a hombridade que tem perdido.

Não sei se estarás d'accordo com estas minhas idéas, mas conheces-me ha muito e sabes que digo o que sinto e o que penso com toda a franqueza e este desabafo é o resultado de ter sentido a intriga a minar surdamente o tiro civil, tratando de couzas mesquinhas e pondo de parte as patrióticas.

Escusado será alargar-me sobre este assumpto; o teu collega e amigo Palermo de Faria melhor do que eu o disse já e do que disse, muito lhe ficou ainda para dizer, mas que não desanime e continue, porque o tempo ha de dar razão a quem a tiver.

Crê, meu Anselmo, na amisade do
Teu velho amigo

T. C. -- 7 -- 3 -- 97.

ANTONIO JOSÉ DA SILVEIRA.

O CÃO DOENTE

(Continuação)

Esgana, rosca, ou mal dos cães novos

ALGUNS caçadores consideram como remedio eficaz o friccionar o cão desde a ponta do nariz até ao anus e sempre ao correr do pello, levantando-lhe no fim a cauda para deitar um jacto de pus.

Dizem que repetindo esta operação, tres ou quatro dias, o cão se restabelece.

Não affianço a efficacia d'este tratamento, que alguns dizem ser muito bom. Geralmente o tratamento applicado são purgantes e sedenhos.

O que tenho applicado com melhor resultado é o sal da cosinha logo no principio da doença — se ella não cede, repito a applicação no dia seguinte e abro um sedenho ou dois no pescoço, perto da nuca.

Como purgante pode applicar-se tambem: oleo de ricino 50 ou 40 grammas, conforme a idade do cão, ou raiz de jalapa 3 a 5 grammas.

Intendem alguns que se não deve abusar dos purgantes e que se devem empregar como revolucivos.

Devo dizer que nunca me arrependi do abuso dos purgantes.

Tambem se costuma empregar como purgante o azeite de raiz de lyrio.

Para se alcançar, corta-se a raiz de lyrio como se corta a batata para fritar. Frita-se em azeite que, depois de frio, se dá ao cão em dose de 1 ou 2 colheres de sopa, com intervallo d'uma hora.

E' um purgante violentissimo, mas cujo emprego não aconselho, porque é muito venenoso e pode matar o cão, que, se não morre da doença, morre do remedio.

Cada caçador tem o seu remedio para a esgana, muitos dos quaes são absurdos e alguns perigosos.

Mr. Lavallée diz que o sedenho applicado perto da nuca, logo no principio da doença, produz, quasi infallivelmente, bom resultado, devendo dar-se ao cão bebidas calmantes, podendo applicar-se a cumpora quando tenha accidentes nervosos, e preparados opiados, mas dotados convenientemente.

Mr. Eug. Gayot indicou um tratamento de que tem tirado muito bons resultados. Diz o seguinte: E' preciso tratar o cão logo ao primeiro symptoma da doença. Isto é que é o importante — logo ao primeiro symptoma. Esta observação tem escapado a todos os que tem escripto sobre doenças de cães.

Ordinariamente são tratados não quando a doença apparece, mas depois da sua invasão. O cão não deve estar ainda doente quando deve principiar a ser tratado, mas sim quando a doença está proxima. Em vez de estar triste e cambalear, deve estar ainda alegre e brincar, apesar de comer menos e com menor appetite. O tossir de tempos a tempos e ter os olhos remelosos, são signaes certos da aproximação da doença.

E' preciso não preder um momento. Deve abrir-se-lhe immediatamente um sedenho no pescoço e dar-se-lhe bebidas emolientes pela manhã e á noite, e todas as manhãs, em jejum, de uma a tres colheres de xarope de violetas.

E' preciso continuar com este tratamento em quanto as dijecções não forem regulares e em quanto os olhos estiverem remelosos.

Este symptoma desaparece geralmente desde que se estabeleça a supuração pelo sedenho, que não deve haver pressa em tirar tanto mais que o cão pouco ou nada soffre com elle e a sua acção prolongada é salutar.

(Continúa.)

NEMROD.

CONCURSO DE EDUCAÇÃO PHYSICA

A direcção da Associação dos Atiradores Civis Portuguezes foi dirigido pelo digno consul de Italia, em Setubal, o sr. L. Pistone, o officio que em seguida

publicamos, acompanhado dos respectivos programmas.

Como se vê, trata-se da celebração do 1.º centenario da bandeira italiana, e Genova realisa por esta occasião um grande concurso de educação physica em que podem entrar não só todos os italianos, mas tambem os estrangeiros; n'esse concurso comprehende-se o tiro com arma de guerra.

E' principalmente a *Sociedade Gymnastica Christovão Colombo* quem solemnis o glorioso centenario da bandeira tricolor.

O officio foi lido hontem em sessão da direcção e resolveu-se communicar-o a todos os associados e agradecer o delicado convite ao sr. L. Pistone.

O officio a que nos referimos é do theor seguinte:

Setubal 8 de Março 1897.

III^{mo} e Ex.^{mo} Snr.

Na qualidade de socio de entre os mais antigos da Sociedade gymnastica Ligure Cristoforo Colombo, de Genova, na de R. Agente Consular n'esta cidade e de italiano, tenho a subida honra de convidar os dignos Atiradores Civis Portuguezes, a que V. Ex.^a dignamente preside, a tomar parte nas festas promovidas pela referida associação, que — solemnisando o primeiro centenario da gloriosa bandeira da minha Patria — hão-de ter lugar em Genova, no fim de Maio proximo.

A essa commemoração concorrem sociedades gymnasticas de toda a Italia, o exercito italiano e espero que tenhamos a honra e o prazer de ver que as congeneres associações portuguezas nos acompanham n'esta manifição tomando n'ella parte ou fazendo-se representar, assim como muitas de outras nações, cujo concurso já nos foi assegurado.

Fico á disposição de V. Ex.^a, para prestar quaesquer esclarecimentos, e esperançoso em que o meu convite — endereçado tambem pela referida Sociedade Ligure Cristoforo Colombo — seja accete por parte dos srs. Atiradores Civis Portuguezes.

Deus Guarde a V. Ex.^a — III^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Presidente dos Atiradores Civis Portuguezes. — Lisboa.

O Reg. Agente Consular d'Italia,

L. PISTONE.

CARREIRA DE TIRO

Domingo 7 do corrente

ALVOS

N.º 1 a 100^m, normal; n.ºs 2 e 3 a 300^m, circular; n.º 4 a 300^m, normal; n.ºs 5 e 6 a 400^m, normal; n.º 7 a 200^m, figura de joelhos; n.º 8 a 200^m, normal.

Arma Kropatchek 8^{mm} m 1886.

Tiros disparados 370, resultado:

	Disp.	Acert.
Alvo a 100 ^m , normal.	30	17
> > 200 ^m , normal.	20	18
> > 200 ^m , fig. de joelhos.	70	32
> > 300 ^m , circular.	40	29
> > 300 ^m , normal.	90	56
> > 400 ^m , normal.	120	70
Total.	370	222

Associação dos Atiradores Civis Portuguezes

Os socios d'esta associação, fizeram 213 tiros:

	Disp.	Acert.
Alvo a 200 ^m , normal.	10	9
> > 200 ^m , fig. de joelhos.	20	6
> > 300 ^m , circular.	20	13
> > 300 ^m , normal.	10	10
> > 400 ^m , normal.	70	38
Total.	130	76

Associação dos Atiradores Civis Estrella

Os socios d'esta associação fizeram 90 tiros:

	Disp.	Acert.
Alvo a 200 ^m , normal.	10	9
> > 200 ^m , fig. de joelhos.	10	7
> > 300 ^m , normal.	30	18
> > 400 ^m , normal.	40	23
Total.	90	57

Os socios do grupo Patria, fizeram 40 tiros acertando 26.

Os socios do grupo do Atheneu, fizeram 30 tiros, acertando 13.

Os socios do grupo Suisso, fizeram 40 tiros, acertando 33.

Matricularam-se de novo na carreira os srs. Ignacio Quintino de Avellar, de 23 annos, natural de Lisboa, empregado publico e Clemente José da Silva, de 30 annos, natural de Famalicao, negociante.

O DEFEZO

N'ESTA secção, já conhecida dos nossos estimaveis leitores, vamos, como já dos outros annos temos feito, publicar todas as noticias dos nossos collegas sobre o assumpto e todas as reclamações que cheguem ao nosso conhecimento.

Tem a palavra o nosso estimado collega *O Meridional*, de Monte-mór-o-novo.

Começou o periodo defezo da caça.

E' certo, porém, que se o caçador por divertimento arrumou desde 1 de março a sua espingarda para só lhe tornar a pegar findo o tempo defezo, não acontece outro tanto com os caçadores de negocio que mesmo no tempo defezo continuam com o seu lucrativo modo de vida.

E' para estes abusos, todos os annos repetidos, que chamamos a atenção da auctoridade administrativa, que pelos muitos meioris ao seu alcance pode reprimil-os, castigando severamente os infraactores das posturas muncipaes, cujo fiel cumprimento é um bem para todos.

Oxalá que as providencias que pedimos não se façam esperar.

Acabamos de ser informados que ainda sexta feira andaram em excursões venatorias por esses campos varios grupos de caçadores.

Novamente pedimos para o assumpto a atenção do sr. administrador do concelho para a immediata repressão d'estes abusos.

As penas cominadas pelas posturas do concelho de Montemór-o-Novo aos que caçam no tempo defezo, são os do art.º 48, que seguidamente transcrevemos:

«Ninguém poderá caçar nos tres mezes de Março, Abril, e Maio de cada anno por serem os da criação: sob pena de mil réis.

E' igualmente prohibido o caçar-se com fio, arame, armadilhas, enxós, ou candeeiros, pena de dois mil réis, ficando sujeito, além disso, ás penas correccionaes.

Ninguém poderá desmanchar, ou desaninhar, os ninhos das perdizes, nem tirar-lhe os ovos, sob pena de dois mil réis, além de ficar sujeito ás penas correccionaes.

Ninguém poderá caçar nas searas alheias com cães, ou sem elles, desde o primeiro de Maio, até que o pão se levante do restolho: sob pena de dois mil réis.»

Pedimos ao nosso collega que não desanime, lembre-se que... agua molle em pedra dura... Ajude-nos, e a todos os que hoje andam empenhados n'esta cruzada, que esperamos, produzirá os desejados effeitos, embora lentos.

O nosso estimado collega de Santarem, *Correio da Estremadura*, dá-nos esta agradavel noticia:

O meretissimo governador civil de Santarem, enviou a todos os administradores de concelho d'este districto, circulares e editaes para que o defezo seja o mais rigorosamente respeitado.

A nossa propaganda, vae produzindo os seus effeitos, razão porque cada vez mais nos empenharemos n'ella.

O nosso collega *Correio de Cintra*, tambem chama atenção das auctoridades, e bem haja, escrevendo:

Começou no primeiro do mez a prohibição da caça, que se prolonga até 15 de agosto.

As autoridades administrativas recomendamos a mais rigorosa vigilância n'este serviço, sem a qual, dentro em pouco, não se encontrará caça nos nossos campos.

O nosso amigo o sr. dr. Paulo Cancelli, digno presidente da *Associação Protectora da Caça em Tempo Defezado*, teve uma conferência com o sr. governador civil do districto de Lisboa, a proposito das providencias sobre o *defezado*, tendo esta digna autoridade prometido fazer cumprir as leis sobre caça,

Muito temos a esperar da boa vontade do sr. governador civil.

A todos os nossos assignantes, leitores e collegas muito agradecemos quaesquer noticias que nos sejam enviadas.

ANSELMO DE SOUZA.

CONCURSOS DE TIRO

Continuado do n.º 105)

Os cartões-alvos do Campionato deverão ser entregues á *União* nos oito dias que se seguirem á data indicada em cada carreira para o encerramento do Campionato.

Os apuramentos dos tiros serão feitos por cada sociedade sobre o estado de classificação especial, mas os resultados indicados não se tornarão definitivos senão depois da verificação feita em Paris pela *União*. Serão publicados na parte official do *Tir National*.

Esta publicação será a unica communição feita aos atiradores dos resultados do seu tiro.

Os premios não reclamados no prazo de 3 mezes depois da publicação official no *Tir National* dos resultados da segunda prova serão considerados como abandonados e adquiridos pela *União*.

Todas as difficuldades que possam surgir relativamente ao Campionato serão julgadas definitivamente e sem recurso pelo Conselho de administração da *União*, cuja jurisdicção é aceita pela simples participação no Campionato.

6.º Campionato Lyceus e Collegios

7.º Campionato das Escolas superiores — 1887.

PROGRAMMA

Art. 1.º — Far-se ha em cada anno o Campionato de tiro entre os lyceus e collegios e escolas superiores. O Campionato é absolutamente gratuito, sem nenhum direito de tiro nem d'entrada para os estabelecimentos e para as escolas.

Art. 2.º — Cada estabelecimento nomeia para o representar dez atiradores d'entre os seus actuaes alumnos.

Esta nomeação faz-se por escolha ou eleição, nas condições indicadas pelo chefe do estabelecimento.

Art. 3.º — O tiro far-se-ha, á distancia de 200 metros, com a espingarda Gras regulamentar modelos 1874, 1885, Kropatchek ou Lebel pertencente aos atiradores, ao estabelecimento ou ao Estado, e supportando no gatilho o peso minimo de 2 kilos.

Cada atirador fará uma serie de 10 tiros. A posição dos atiradores é facultativa, mas regulamentar, de pé, de joelhos ou deitado.

As dez ballas serão disparadas consecutivamente sem paragem anormal sobre o mesmo cartão-alvo.

Os cartuchos são rigorosamente regulamentares, excepto para a Lebel para a qual são admittidos os cartuchos de carreira da *União*.

Art. 4.º — Os 10 cartões-alvos, espe-

cialmente carimbados para o Campionato, são expedidos para o estabelecimento adherente, alguns dias antes do periodo fixado para o concurso.

Enviem-se juntamente dois cartões não carimbados para os tiros d'ensaio que são facultativos.

Art. 5.º — O tiro será em uma das carreiras civis ou campo de tiro militares na proximidade do estabelecimento e á sua escolha nos dias e horas que lhe convenham durante o periodo fixado, sendo convidadas todas as Sociedades da *União* a pôr-se á disposição dos chefes de estabelecimento e a responder á primeira chamada para se entenderem entre si.

Art. 6.º — Cada tiro de alumno não pode ser executado senão em presença do do delegado encarregado pelo chefe de estabelecimento da vigilancia do concurso e da execução stricta do regulamento. O cartão, immediatamente depois do tiro, deve ser assignado sem demora pelo atirador, visado pelo delegado, depois conservado com cuidado até que o tiro do lyceu esteje terminado; os 10 cartões devem ser devolvidos francos de porte á sede da *União* logo que tenha terminado o tiro, e o mais tardar no dia seguinte ao ultimo do periodo fixado para o Concurso. Os cartões-alvos que não tiverem chegado á *União* no prazo de dez dias depois do encerramento do campionato, não serão comprehendidos na classificação.

O estabelecimento dirige franco de porte á *União* ao mesmo tempo que os cartões, a lista do nomes e moradas dos seus 10 atiradores.

Art. 7.º — Os alvos do Campionato tem 0m,80 de diametro com visual preta de 0m,40 e são divididos em 10 zonas contando cada uma de 1 a 10 pontos.

A classificação faz-se pela multiplicação dos pontos obtidos pelo numero de ballas no alvo e a divisão do producto pelo numero de ballas disparadas; no caso de egualdade ao menor desvio da balla mais afastada do centro.

Art. 8.º — O estabelecimento que, pelo conjunto dos seus 10 atiradores, fór classificado em primeiro logar recebe por um anno o bronze *Gloria victis*, de Mercié, editado por Sarhedienne.

Os seus 10 alumnos recebem cada um uma medalha de prata da *União*.

Art. 9.º — Cada estabelecimento que tenha tomado parte no Campionato recebe um diploma de classificação assim como cada um dos premiados.

Art. 10.º — Far-se-ha alem d'isto, sem distincção de estabelecimento, uma classificação individual de todos os atiradores que tenham tomado parte no Campionato, e os primeiros classificados recebem premios offerecidos pelo presidente da Republica, ministros e *União nacional das Sociedades de tiro da França*.

O 6.º Campionato dos lyceus e collegios e o 7.º Campionato das escolas superiores estarão abertos de 1 d'abril a 31 de maio de 1897.

(Continua.)

ASSOCIAÇÃO DOS ATIRADORES CIVIS PORTUGUEZES

REUNIU hontem em sessão ordinaria a direcção d'esta sociedade tomando conhecimento do officio do consul de Italia, em Setubal, o sr. L. Pistone, que publicamos n'outro logar e resolvendo communi-car aos socios o convite que lhe foi dirigido e officiar agradecendo.

O sr. Anselmo de Souza propoz que se fizesse a pesagem e medição dos alumnos

da aula de esgrima para se poder mais tarde avaliar do seu desenvolvimento physico e que a Associação se fizesse representar no funeral do capitão Camara. Ambas as propostas foram unanimemente approvadas.

Em seguida foi lida uma carta publicada na *Marselhesa*, resolvendo a direcção dirigir ao director d'este jornal a carta que em seguida inserimos pedindo-lhe a sua publicação.

O sr. Palermo de Faria disse que tendo-lhe constado que ia ser requerida por alguns socios a convocação da Assembléa geral para a direcção apresentar as razões que a tinham levado a demittir o sr. tenente Jose Pires do cargo de mestre d'armas, propunha que se officiasse em tempo ao sr. José Pires para assistir á sessão, pois não queria discutir os actos de pessoas ausentes. Esta proposta foi approvada por unanimidade.

A carta que foi enviada ao nosso collega *A Marselhesa* é nos seguintes termos:

III.º e Ex.º Sr. Director da «*Marselhesa*»:

Tendo esta Direcção tido conhecimento da carta d'um correligionario de V. Ex.ª publicada em o n.º 183 da *Marselhesa* de 9 de Março corrente, carta em que ha accusações feitas á maneira porque tem sido encaminhados os assumptos da sua administração, permitta-me V. Ex.ª que sem discutir, nem pretender refutar quaesquer dos argumentos alli apresentados, eu informe V. Ex.ª e os leitores do seu mui lido periodico, para que possam avaliar bem a verdade do que se insinua na carta mencionada, que o signatario d'ella pediu a readmissão de socio da Associação dos Atiradores Civis Portuguezes em 7 de Dezembro de 1896, o que prova estar então, e não ha muito tempo ainda, perfeitamente d'accordo com os actos dos corpos dirigentes. O que o correligionario de V. Ex.ª se esqueceu de accrescentar foi que a sua readmissão foi regeitada por unanimidade, attendendo ao seu pessimo comportamento anterior e por ser considerado como prejudicial ao socego da Associação.

Permitta-me mais V. Ex.ª que informe tambem que o signatario da carta que vem epigraphada com o titulo *Tiro civil* foi admittido como socio d'esta Associação em 22 do Maio de 1895 e pediu a demissão em 20 de janeiro de 1896, evitando d'este modo que lhe fosse dada, como estava resolvido, por haver incorrido na pena que os Estatutos impunham.

Desculpe-nos, V. Ex.ª esta importunação mas não é bom que passem em julgado sem as devidas observações cartas como esta a que nos referimos.

Pedindo e agradecendo a publicação d'esta carta assignámos-nos

De V. Ex.ª

Att.ºs e Ven.ºs respeitosos.

A Direcção

Palermo de Faria.

Anselmo de Souza.

Joaquim Fraga Pery de Linde.

Joaquim de Souza Padesca.

Joaquim Carlos Eduardo de Freitas.

Pelo Conselho Fiscal

Lucas Fernandes da Silva.

Editor responsavel — Manuel Augusto Pinto

A LIBERAL — Officina typographica
Rua de S. Paulo 216,